

Carlos Drummond de Andrade-m olhar sobre a poesia social

Clair Lima Vasconcelos ¹
 Antônio Donizetti da Cruz ²

RESUMO: Carlos Drummond de Andrade teve uma criação poética, da qual destaca - se a poesia social como elemento reflexivo de seu espírito revoltado e combativo. Não deixou de lado a arte da palavra escrita, chegando até a afirmar em entrevista que a essência da poesia é produzir emoção. Se o momento era de tristeza pela perda de vidas de forma cruel este uniu sua arte combativa através do drama de ser público e revolucionário e permanecer fiel às exigências de sua criação artística. Sartre dizia que o poeta e o filósofo são os mais bem equipados para entenderem o sentido das coisas. Eles podem entender o sentido da pólis de seu tempo de uma maneira re(velante). E esse discurso só se torna possível através do verbo poético. O escritor Artur da Távola fala que a importância de um poeta no mundo vai além da construção de objetos materiais porque usa a palavra para chegar ao outro, mesmo que esteja no centro, ele a usa não para se exaltar , mas para se interrogar sobre o mundo, as coisas...O poeta faz os versos e vê o re(verso) e esse chega até os leitores. Por isso é um insubordinado mental. Assim ele detém o amor do povo e sua criação não se deteriora.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia social- Carlos Drummond- arte-Mundo

ABSTRACT: Carlos Drummond of. Andrade had a poetic creation, of which stands out the social poetry as reflexive element of his rioted spirit and combative. He didn't leave aside the art of the written word, arriving to affirm in interview that the essence of the poetry is to produce emoção. Se the moment was of sadness for the loss of lives in a cruel way this united his combative art through the drama of being public and revolutionary and to stay faithful to the demands of his creation artística. Sartre said that the poet and the philosopher are the better equipped for us to understand the sense of coisas. They can understand the sense of the pólis of his time of a way re(velante). And that speech only if it turns possible through the verb poético. O senador Artur of Távola speaks that a poet's importance in the world is going besides the construction of material objects because it uses the word to arrive to the other, even if is in the center, he uses her no equal if it exalts, but to interrogate on his the world, the things... The poet makes the verses and he sees the re(verso) and that arrives until the readers. There fore it is an insubordinate one mental. Like this he stops the love of the people and his creation doesn't deteriorate.

1 - INTRODUÇÃO

O trabalho realizou-se através de estudos sobre a poesia social dos livros: "A Rosa do Povo" e "O Sentimento do Mundo". Mas para entendê-los é preciso conhecer Drummond, detalhes de sua vida suas perspectivas e como chegou a esta reflexão e produção sobre o

¹ - Aluna especial do Curso de Mestrado em Linguagem e Sociedade na disciplina Lírica e Sociedade -2º sem.2005
 UNIOESTE

²- Pós-Doutorado em Estudos de Literatura- UNIOESTE

social. E por que C.D.A. negava o fazer poético combativo, não aceitando quando jornais e revistas ou mesmo críticos literários referiam a sua poesia de 30 a 45 com poética de engajamento, de luta social.

Os poetas modernistas, da década de 30, não foram tão combativos como os da década de 22. Já encontraram uma linguagem e uma ruptura em relação à arte anterior. Assim numa forma estruturada de arte literária, volta-se para os dramas do mundo e ao desconcerto do capitalismo.

É uma Literatura mais construtiva, mais politizada com a nova postura do indivíduo questionando a si mesmo (aprofundamento do eu com o mundo). O destaque se dá em Carlos Drummond de Andrade, mineiro de Itabira, que nos revela: Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo. “Ter sentimento do mundo.” Considerado o maior nome da poesia contemporânea, registrando a realidade cotidiana e os acontecimentos da época através da ironia fina, lucidez e calma, filtrados numa linguagem flexível e rica de dimensões humanas.

A poesia social de Drummond apresenta a reflexão dos problemas do mundo diante dos regimes totalitários da 2ª Guerra Mundial e da Guerra Fria. Em alguns versos ressurgem a esperança, mas logo se acrescenta a descrença diante dos acontecimentos. Nega a fuga da realidade e por isso volta-se para o tempo presente.

A função do poeta é escrever. “Deve fazer versos sobre o que entender ao ver um rio poluído e sentir uma emoção correspondente, bem como ao revoltar-se com um fato, pode sentir fluir a poética e escrever sobre isso”. Num plano maior sobre a ameaça nuclear Drummond fala ao escritor Admilson Caminha do Jornal da Poesia, e sobre todas as ameaças políticas e de guerra que pairam sobre o mundo, as bombas maiores, e as menores do cotidiano, que nos ameaçam e precisam ser discutidas. Mas necessariamente o poeta não tem a missão de corrigir o mundo. E tampouco se crê que seja esta a função do poeta. Será uma ilusão supor que a poesia pode contribuir para o direcionamento do mundo num sentido mais justo. O poeta deve produzir a emoção, despertar no próximo um sentimento de beleza, alegria, se tristeza e sobretudo um sentimento de comunhão com a vida. A vida é múltipla, complexa, não se limita à restauração de direitos democráticos ou a uma ordem para que as pessoas respeitem a natureza. Para Drummond, viver é o ato mais importante da vida e envolve todos os compromissos e todas as liberdades possíveis. A pessoa pode sentir a mesma emoção e a dor da guerra, dor física ou de saudade e ao ler uma poesia, sentir-se-á reconfortada. “Esse é o verdadeiro ofício da Literatura: Causar bem aos outros, não apenas politicamente, socialmente, mas por transmitir emoção ao próximo”. O compromisso social é do homem. Ele não pode ficar

indiferente diante da injustiça: Se você vê uma criança sendo castigada por um adulto, você se revolta. Isso é compreensível numa escala universal o homem não aceita a crueldade das relações públicas e sociais vigentes no mundo. Esse não tem nada a ver com o sentimento de sensibilidade, é algo inerente ao ser humano, a não ser que seja pervertido por natureza. Desta forma Drummond insistiu sempre em afirmar que não se via como alguém obrigado a retratar os fatos sociais.

Mas alguns jornalistas e críticos julgavam seus livros politicamente engajados pois falavam que estes representavam o período de 1930 a 1945, onde a sociedade vivenciou os piores momentos da 2ª Grande Guerra Mundial e que ele os criará como os melhores exemplos, com impulso do homem que se combina com a emoção do poeta.

Em Cervantes encontra-se uma fala: - que uma coisa é escrever como poeta, outra como historiador. O poeta pode contar ou cantar as coisas não como foi, mas como deveriam ter sido. O artista pode criar representar fatos, estes podem tornar-se obras do contexto cultural. A relação da Literatura com a história é cultural, pois o homem é um ser histórico e sua produção cultural é também histórica. Quanto à negação da obra enquanto função social, quanto menos aponta para o social, mais apresenta uma arte que representa o social.

A lírica moderna é o nível da poética cujo poeta maior e melhor no Brasil, o mais representativo, é Carlos Drummond de Andrade, segundo José Veríssimo, Alfredo Bossi e outros.

A lírica moderna – iniciada, na França, por Baudelaire, o poeta das Flores do Mal – é aquela que se mantém lúcida perante a realidade, perante a sociedade, seja qual for o preço da lucidez. Aquela que está presa à vida e denuncia todas as suas iniquidades, todas as suas desigualdades, do ponto de vista político, social e humano, em sentido profundo, sem deixar de ser poesia, sem deixar de ser lírica.

A inauguração de uma nova concepção da poesia lírica que põe em prática a militância do artista, proposta por Mario de Andrade, sem fazer arte panfleteira, propagandista. Carlos Drummond, sua mais bem acabada expressão no Brasil, não é só o grande poeta da geração de 30, mas é também o mais completo de nossos grandes poetas.

MATERIAL E MÉTODOS

Para entender a poesia social de Carlos Drummond de Andrade será preciso remeter-se à pesquisa sobre sua vida. Nasceu em Itabira do Mato Dentro em Minas Gerais em 31 de outubro

de 1902. Seus pais vinham das tradicionais gerações, sendo o pai dos Andradas e a mãe dos Drummond. Eram todos de considerável extensão de terra, nas quais se produzia o minério de ferro. Mais tarde ele colocaria em seus poemas e crônicas o quanto se sentia forte, de ferro, como referência ao ferro da cidade de sua infância. Essa memória o acompanhara por toda a sua vida. As terras de sua família foram exploradas pela Air Company e o menino Carlos, ainda não entendia essa dimensão do estrangeiro em sua terra natal.

Anos depois enquanto jornalista dedicava alguns de seus escritos a Itabira e à preocupação que sentia com o fato de que poderia acontecer depois que não houvesse mais ferro ali. Criado nas mais rígidas tradições de Minas, Carlos Drummond de Andrade era diferente, brincava com as pedras, conversava com as estrelas. Tinha um tio repentista que o encantava.

Além de Itabira descobria a escola. Não fora feliz lá. O professor de português o expulsara da aula por insubordinação mental. Buscou um ideal; Formou-se em Farmácia, mas o que gostava mesmo era de escrever. Tinha um grupo de amigos, (estes formaram “A Revista”), Abgar Renault, Pedro Nava, João Alphonsus, Emílio Moura, Gustavo Capanema, todos jovens intelectuais e pensadores que se encontravam no Café Estrela para discutir sobre livros, notícias, jornais que chegavam de fora.

Fundaram “A Revista”, que circulou com apenas três números. O amigo Gustavo Capanema desde os tempos de Colégio o chamara para ser secretário na pasta da Secretaria de Educação. Despachava por ele e era extremamente correto em seu trabalho. Trabalhava no jornal como cronista. Escrevia para Lúcio Sampaio do Cometa Itabirano. Tentava desfazer o mito de que esquecera Itabira, por isso mandava cartas, poesias, líras e outros poemas nos quais retratava a preocupação com a terra natal e o que ficaria dela quando acabasse a mineração.

Teve amores eróticos, amores paixão, amores passageiros como Dolores – que o amou para sempre. Teve um filho que nascera morto, guardou para ele uma lembrança colorida. “O filho que eu não fiz, fez-se por si mesmo”. Dedica também um carinho especial, um amor de pai para a filha Maria Julieta a qual dedicou um de seus livros. Maria Julieta Drummond de Andrade que também era escritora, casada com o argentino Manuel Grana Etcheverry, e esta lhe deu lhe três netos: Luís Maurício, Carlos Manuel e Pedro Augusto. A filha morreu de câncer aos 59 anos. Drummond morreria 12 dias depois em 1987.

A família teve Drummond como sua estrela especial e Itabira também lhe devota homenagens. No Rio de Janeiro a casa de Rui Barbosa tem 22 mil documentos de Drummond.

O poeta gostava muito de escrever versos e estes eram bem organizados, em papel simples sem rasura ele os enviava aos amigos, na passagem de alguma data ou aniversário.

A família designou o escritor Edmilson Caminha para escrever o prefácio de seus livros. Este fala do Drummond que conheceu, com mais intimidade. Um homem diferente, que poucos conheciam a imagem reservada do urso polar que falava em seus poemas.

Era tímido, reservado, mas de uma generosidade impressionante, bem humorado, ligado ao seu tempo. Esse Drummond gente é tão importante como àquele grande poeta, que dispõe da palavra e o faz isso de uma forma interna.

Para Paixão os traços, a técnica de expressar certa certeza sobre o espaço e geografia mundiais, o tempo e a história universais geram a visão simultânea dos acontecimentos sócio - políticos do planeta terra, os quais foram expressos no livro sentimento do mundo, mostrando as revelações de miséria, choro, denúncia e clamor que muitas vezes só o poeta escuta.

Os poemas a seguir são analisados pelo método crítico de composição baseados nos elementos do imaginário, já utilizados por estudiosos de Drummond.

SENTIMENTO DO MUNDO

Tenho apenas duas mãos
e o sentimento do mundo,
e era necessário
trazer fogo e alimento.
Sinto-me disperso,
anterior a fronteiras,
humildemente vos peço
que me perdoeis.

Quando os corpos passarem,
eu ficarei sozinho
desfiando a recordação
do sineiro, da viúva e do microscopista
que habitavam a barraca
mas estou cheio de escravos,
minhas lembranças escorrem
e o corpo transige
na confluência do amor.

Quando me levantar, o céu
 estará morto e saqueado,
 eu mesmo estarei morto,
 morto meu desejo, morto
 o pântano sem acordes.

Os camaradas não disseram
 que havia uma guerra(...)

Buscar auxílio na analogia de outros estudiosos é importante e enriquece, assim este trabalho tem – se a Análise de Célio Pinheiro, professor de Literatura, Araçatuba-SP

Os poemas de Sentimento do mundo foram produzidos entre 1935 e 1940.

São 28 no total.

Poema: Sentimento do mundo

O primeiro poema (que deu nome ao livro) revela a visão-de-mundo do poeta: não é alegre, antes, é cheia da realidade que sempre nos estarrece, porque, por mais que sonhemos, a realidade geralmente é dura e muito desafiante.

A voz que fala (estrofe um) reflete sobre as limitações para ver o mundo: “Tenho apenas duas mãos”; mas aponta, em seguida, alguns elementos auxiliares que o ajudarão a suprir suas deficiências de visão: escravos, lembranças e o mistério do amor (versos 3 a 5); escravos podem ser os meios escusos de que nos utilizamos para tocar a vida e decifrá-la e dela nos aproveitarmos.

O pessimismo denuncia-se com as mortes do céu e do próprio poeta, na estrofe dois.

Apesar da ajuda incompleta dos companheiros de vida (“Camaradas”), o poeta não consegue decifrar os códigos existenciais e pede, humilde, desculpas.

Nas duas últimas estrofes, Drummond pinta uma visão de futuro bem negativo, mas bem real: mortos, lembranças, tipos de pessoas que sumiram nas batalhas da vida (“guerra”, na estrofe três).

Conclui na estrofe cinco, que o futuro (“amanhecer”) é bem negro, tenebroso. Feita só de dois versos, sintetiza seu sentimento do mundo.

Os demais 27 versos são nuances, explicações dessa amarga visão inicial da vida.

- a solidariedade representada pela oferta das duas mãos
- o sentimento do eu e o mundo, o remorso, o perdão
- a condição geral de alienação mostrou – se melhor configurados e todo o poema parece construir - se em torno da idéia do despertar, que não é tematizada abertamente, mas encontra-se a metáfora do amanhecer e no momento do eu lírico, levanta-se. O despertar remete no momento ainda difuso como na transição entre o sono e a vigília de tomada de consciência, desse eu em relação à nova realidade. Esse despertar é quase sempre tardio. Acompanha-o um sentido de remorso e um pedido de perdão. Esse sentimento de culpa social é citado por Merquior (sentimento do mundo é também sentimento de culpa), que se intensifica em todo o livro de forma mais violenta.

CONGRESSO INTERNACIONAL DO MEDO

Provisoriamente não cantaremos o amor,
 que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
 Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
 não cantaremos o ódio, porque este não existe,
 existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
 o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
 o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
 cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
 cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte.
 Depois morreremos de medo
 e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas

(Carlos Drummond de Andrade)

O medo que o acompanhará no período conturbado é trabalhado na poesia, destacando o momento provisório de não se ter o amor, mas o medo em todos os lugares. A citação da cor amarela também faz parte dos arquétipos do medo, da covardia.

Mãos dadas
 Não serei o poeta de um mundo caduco.
 Também não cantarei o mundo futuro.
 Estou preso à vida e olho meus companheiros.
 Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
 Entre eles, considero a enorme realidade.
 O presente é tão grande, não nos afastemos.
 Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,
 não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,
 não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,
 não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.

O tempo é a minha matéria, o tempo presente,

os homens presentes, a vida presente.

Este é um dos poemas mais políticos de todo o Modernismo. É um texto engajado, comprometido, participante e de grande força poética. O ritmo intenso, imagens intensas, o tom da fala, a oralidade, a linguagem coloquial muito expressiva, acentuada pela pulsão livre dos versos. A enumeração das negações que recusam as variadas caracterizações de escapismo romântico, de fuga da realidade. A repetição de palavras em especial a palavra presente carrega ainda mais o texto de tensão política.

A negação de um mundo caduco (passado) e a negação do futuro formando uma oposição, e por fim a esperança de solidarizar-se.

A passagem do eu (nos primeiros versos) para o pronome nós implica na cumplicidade do poeta com o leitor. Entre eles a enorme realidade.

A mesma realidade que envolve a distância entre um operário e um poeta, a classe social de um e a do outro, a ignorância de um e a lucidez do outro. Buscaram o mesmo fim, mas há entre eles o abismo.

O nazi-fascismo, o Salazarismo, o Getulismo pode aproximar ilusoriamente poeta e empregado obrigando a aceitar idéias que não são dele mas a do ditador. A lucidez do poeta, pode levá-lo a santificar o operário. A recusa aos sistemas de populismo, aproxima poeta e operário.

A noite dissolve os homens

A noite desceu. Que noite!
Já não enxergo meus irmãos.

E nem tão pouco os rumores que outrora me perturbavam.

A noite desceu.
Nas casas, nas ruas onde se combate,
nos campos desfalecidos, a noite espalhou o medo e a total incompreensão.

A noite caiu. Tremenda, sem esperança...
Os suspiros acusam a presença negra que paralisa os guerreiros.

E o amor não abre caminho na noite.
A noite é mortal, completa, sem reticências,
a noite dissolve os homens, diz que é inútil sofrer,
a noite dissolve as pátrias, apagou os almirantes cintilantes! nas suas fardas.

A noite anoiteceu tudo... O mundo não tem remédio...
Os suicidas tinham razão.

Aurora, entretanto eu te diviso,
ainda tímida, inexperiente das luzes que vais ascender
e dos bens que repartirás com todos os homens.

Sob o úmido véu de raivas, queixas e humilhações,
adivinho-te que sobes,
vapor róseo, expulsando a treva noturna.

O triste mundo fascista se decompõe ao contato de teus dedos,
teus dedos frios, que ainda se não modelaram mas que avançam na escuridão
como um sinal verde e peremptório.

Minha fadiga encontrará em ti o seu termo,
minha carne estremece na certeza de tua vinda.

O suor é um óleo suave, as mãos dos sobreviventes se enlaçam,
os corpos hirtos adquirem uma fluidez, uma inocência, um perdão simples e
macio...

Havemos de amanhecer.
O mundo se tinge com as tintas da antemanhã
e o sangue que escorre é doce, de tão necessário para colorir tuas pálidas faces,
aurora.

Os termos noite e aurora assumem os dois blocos do poema. Noite significa o mundo do proprietário, a sociedade que coloca os valores materiais acima dos valores humanos; a noite também simboliza um tempo marcado pela incompreensão, pelo medo. A. noite caiu, que noite, tremenda, sem esperança...

A palavra aurora coloca após um breve espaço após a primeira estrofe designa um tempo de esperanças ("bens que repartirás com todos os homens"); opõe-se ao mundo fascista ("o triste mundo fascista se decompõe ao contato de teus dedos"). Destaca-se também o regime diurno e o noturno das imagens colocadas por Durand para explicar a profundidade da criação do imaginário.

OS OMBROS SUPORTAM O MUNDO

Carlos Drummond de Andrade

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.
 Tempo de absoluta depuração.
 Tempo em que não se diz mais: meu amor.
 Porque o amor resultou inútil.
 E os olhos não choram.
 E as mãos tecem apenas o rude trabalho.
 E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.
 Ficaste sozinho, a luz apagou-se,
 mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.
 És todo certeza, já não sabes sofrer.
 E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?
 Teus ombros suportam o mundo
 e ele não pesa mais que a mão de uma criança.
 As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios
 provam apenas que a vida prossegue
 e nem todos se libertaram ainda.
 Alguns, achando bárbaro o espetáculo
 prefeririam (os delicados) morrer.
 Chegou um tempo em que não adianta morrer.
 Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.
 A vida apenas, sem mistificação.

Em incursões rápidas do poeta pelas ruas da cidade, exposto aos riscos que a cercam, vê-se a rua como um espaço onde se combate. Segundo Bachelard, a dialética é o mundo desdobrando-se em três atitudes:

Eu maior que o mundo - Marcado pela poesia irônica, o poeta vê os conflitos de uma posição de equidistância e não envolvimento; "Alguma Poesia".

Eu menor que o mundo - É marcado pela poesia social, tomando como temas a política, a guerra, o sofrimento do homem. Desabrocha o sofrimento do mundo, marcado pela solidão, pela impotência do homem, diante de um mundo frio e mecânico que o reduz a um objeto. É o que ocorre "em " Sentimento do Mundo", "José" e "A Rosa do Povo".

“Eu igual ao mundo – Abrange a poesia metafísica, onde apresenta a escavação do real, mediante um processo de interrogação e negações”. Conduz ao vazio que espreita o homem e ao desencanto”. É a outra face de “Lição de Coisas”, onde a palavra se faz coisa, objeto e é trabalhada desintegrada e refugiada no espaço da página.

Na primeira estrofe o homem é caracterizado pela sua falta de sentimento e sensibilidade, pelo seu mecanismo, pela sua falta de racionalidade. Na segunda estrofe o homem é caracterizado pela sua solidão, pelo seu medo, pela falta de solidariedade.

Em:

“Teus ombros suportam o mundo”.

“E ele não pesa mais que a mão de uma criança”.

O poeta refere-se à insensibilidade do homem diante dos problemas do mundo. Quando fala dos delicados observa-se uma fina ironia, pois já que são sensíveis essas pessoas poderiam lutar para transformar o mundo, mas não o fazem, preferem morrer.

Em “A bomba”

A bomba

A bomba (1)

é uma flor de pânico apavorando os floricultores

A bomba (2)

é o produto quintessente de um laboratório falido

A bomba (3)

é estúpida é ferotraste é cheia de rocamboles

A bomba (4)

é grotesca de tão metuenda e coça a perna

A bomba (5)

dorme no domingo até que os morcegos esvoacem

A bomba (6)

não tem preço não tem lugar não tem domicílio

A bomba (7)

amanhã promete ser melhorzinha, mas esquece

A bomba (8)

não está no fundo do cofre, está principalmente onde não está

A bomba (9)

mente e sorri sem dente

A bomba (10)

vai a todas as conferências e senta-se de todos os lados

A bomba (11)

é redonda que nem mesa redonda, e quadrada

A bomba (12)

tem horas que sente falta de outra para cruzar

A bomba (13)
 multiplica-se em ações ao portador e portadores sem ação
 A bomba (14)
 chora nas noites de chuva, enrodilha-se nas chaminés
 A bomba (15)
 faz week-end na Semana Santa
 A bomba (16)
 tem 50 megatons de algidez por 85 de ignomínia
 A bomba (17)
 industrializou as térmitas convertendo-as em balísticos
 interplanetários
 A bomba (18)
 sofre de hérnia estranguladora, de amnésia, de mononucleose,
 de verborrêia
 A bomba (19)
 não é séria, é conspicuamente tediosa
 A bomba (20)
 envenena as crianças antes que comece a nascer
 A bomba (21)
 continua a envenená-las no curso da vida
 A bomba (22)
 respeita os poderes espirituais, os temporais e os tais
 A bomba (23)
 pula de um lado para outro gritando: eu sou a bomba
 A bomba (24)
 é um cisco no olho da vida, e não sai
 A bomba (25)
 é uma inflamação no ventre da primavera
 A bomba (26)
 tem a seu serviço música estereofônica e mil valetes de ouro,
 cobalto e ferro além da comparsaria
 A bomba (27)
 tem supermercado circo biblioteca esquadrilha de mísseis, etc.
 A bomba (28)
 não admite que ninguém acorde sem motivo grave
 A bomba (29)
 quer é manter acordados nervosos e são, atletas e paralíticos
 A bomba (30)
 mata só de pensarem que vem aí para matar
 A bomba (31)
 dobra todas as línguas à sua turva sintaxe
 A bomba (32)
 saboreia a morte com marshmallow
 A bomba (33)
 arrota impostura e prosopopéia política
 A bomba (34)
 cria leopardos no quintal, eventualmente no living
 A bomba (35)
 é podre
 A bomba (36)
 gostaria de ter remorso para justificar-se mas isso lhe é vedado
 A bomba (37)
 pediu ao Diabo que a batizasse e a Deus que lhe validasse o batismo
 A bomba (38)
 declare-se balança de justiça arca de amor arcanjo de fraternidade
 A bomba (39)
 tem um clube fechadíssimo
 A bomba (40)
 pondera com olho neocrítico o Prêmio Nobel

A bomba (41)
 é russamenricanenglish mas agradam-lhe eflúvios de Paris
 A bomba (42)
 oferece de bandeja de urânio puro, a título de bonificação, átomos
 de paz
 A bomba (43)
 não terá trabalho com as artes visuais, concretas ou tachistas
 A bomba (44)
 desenha sinais de trânsito ultraeletrônicos para proteger
 velhos e criancinhas
 A bomba (45)
 não admite que ninguém se dê ao luxo de morrer de câncer
 A bomba (46)
 é câncer
 A bomba (47)
 vai à Lua, assovia e volta
 A bomba (48)
 reduz neutros e neutrinos, e abana-se com o leque da reação
 em cadeia
 A bomba (49)
 está abusando da glória de ser bomba
 A bomba (50)
 não sabe quando, onde e porque vai explodir, mas preliba
 o instante inefável
 A bomba (51)
 fede
 A bomba (52)
 é vigiada por sentinelas pávidas em torreões de cartolina
 A bomba (53)
 com ser uma besta confusa dá tempo ao homem para que se salve
 A bomba (54)
 não destruirá a vida
 O homem
 (tenho esperança) liquidará a bomba.

Num plano maior, sobre a ameaça nuclear, sobre todas as outras ameaças políticas e guerreiras não se limita a tentar corrigir o mundo, pois não crê que seja essa a missão do poeta, mas traz um jogo de sons no poema que a cada vez que se lê um verso e se repete a palavra bomba sente-se a sonoridade da explosão que impressiona.

A palavra bomba repete-se cinqüenta e quatro vezes. O som e a repetição são os efeitos de sentido do discurso representando o som da explosão. A conotação do som na sílaba bom ... bom ... bom ...traz imagens de uma memória discursiva de filmes, leituras anteriores que na recepção de leitura visualizam as cenas da guerra. (ou seja, os estrondos da bomba).`É uma marca de Drummond, a presença da aliteração e do imaginário ao som da guerra.

A FLOR E A NÁUSEA

Preso à minha classe e a algumas roupas,
Vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjôo?
Posso, sem armas, revoltar-me?
Olhos sujos no relógio da torre:
Não, o tempo não chegou de completa justiça.
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.
O tempo pobre, o poeta pobre.
Fundem-se no mesmo impasse.
Em vão me tento explicar, os muros são surdos.
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.
O sol consola os doentes e não os renova.
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.
Uma flor nasceu na rua!
Vomitam esse tédio sobre a cidade.
Quarenta anos e nenhum problema
Resolvido, sequer colocado.
Nenhuma carta escrita nem recebida.
Todos os homens voltam para casa.
Estão menos livres, mas levam jornais
E soletram o mundo, sabendo que o perdem.
Crimes da terra, como perdoá-los ?
Tomei parte em muitos, outros escondi.
Alguns achei belos, foram publicados.
Crimes suaves, que ajudam a viver.
Ração diária de erro, distribuída em casa.

Os ferozes padeiros do mal.
Os ferozes leiteiros do mal.
Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.
Porém meu ódio é o melhor de mim.
Com ele me salvo
e dou a poucos uma esperança mínima.
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,
garanto que uma flor nasceu.
Sua cor não se percebe.
Suas pétalas não se abrem.
Seu nome não está nos livros.
É feia. Mas é realmente uma flor.
Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.
Do livro Rosa do povo 1945

Durante a Segunda Guerra Mundial, portanto tem como tema um fato histórico que ocorria nos momentos em que o poeta expressou através das palavras o desespero e a angústia que muitas pessoas que estavam vivendo e inclusive ele mesmo.

No título do poema já nota-se a dicotomia que o poeta vive entre a razão e a emoção. O poeta puro (“vou de branco”) perambula pela cidade, observando a sociedade.

Coloca na poesia suas observações sobre o mundo injusto, feio (feito de desespero e angústia). Tem nojo ao ver o homem ser devorado pelos acontecimentos.

O poeta sugere uma possibilidade de mudança, apesar do que ocorre no tempo presente – “fezes”, mais piores poemas e “alucinações”. A expressão “ainda” e a palavra “espera” mostram que a transformação não é possível. Ela tenta explicar sobre o que está acontecendo, mas segredos que não podem ser revelados diante tal situação.

Durante o poema, ele retorna ao passado, referindo-se a um fato da vida do poeta: o apelido de “anarquista” que ele recebeu no Colégio (Anchieta) em Nova Friburgo, aos 17 anos, graças a um incidente com o professor de Português, foi expulso do Colégio.

Acusação: Insubordinação mental.

Finalmente surge um fato que poderá mudar a situação de “tédio, nojo e ódio” nasceu uma flor, que o poeta expressa com emoção, anunciando uma mudança na atmosfera do poema.

Essa flor nascida no asfalto, cuja cor não se "percebe cujas pétalas não se abrem e cujo nome não está nos livros, essa flor feia, mas realmente uma flor”, pode ser lida como metáfora da lírica moderna drummondiana.

É o asfalto, o tédio, o nojo – elementos da vida urbana moderna, que geram a flor artificial, quer dizer, a antilírica, a nova e a desconcertante poesia capaz de iludir a polícia, romper o asfalto, exigir silêncio, paralisar os negócios, transformar “o coração dos homens”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A função do poeta é produzir emoção e, sobretudo um sentimento de comunhão com a vida. A vida é múltipla e complexa. Não se limita à denúncia do poeta para se tentar uma forma mais justa de se envolver com o tempo presente, as pessoas e com o mundo. Viver segundo Drummond é o ato mais importante por isso muitas vezes o poeta se distanciava, para que refletindo sozinho pudesse olhar o mundo, e tentar compreendê-lo. Muitas situações políticas o sensibilizaram, bem como obteve desilusões pelos ideais que queria transmitir e não conseguia por isso a náusea que era uma palavra muito utilizada

na época para ele tinha sentido. Por que as mesmas pessoas que combatiam a opressão do mais fraco, mais tarde fizeram alianças esquecendo a ideologia marxista. Só restava a flor amarela, a poesia, amarela (medrosa), mas rompia o asfalto, desafiava o progresso, o asfalto e se tornou um domínio público. Recorro a Adorno mais uma vez. Quanto mais a poesia se distanciar do social, mais ela se tornará social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond. Literatura comentada. Nova cultural, 2ª edição, 1998. São Paulo.

_____. Sentimento do mundo, 7ª edição, Rio de Janeiro, Record, 2005.

_____. A Rosa do Povo, 23ª edição, Rio de Janeiro, Record, 2001.

COUTINHO, Afrânio, A Literatura no Brasil. Era modernista, Rio de Janeiro, José Olympio 3ª edição. EDUFF, 1986.

ELIOT, T.S. A Função Social da Poesia. (1943), Tradução de Bruno I. Mori, disponível em

< www.planetaeducação.com.br >

Olhar Literário. Antologia Poética de Carlos Drummond de Andrade, disponível em <www.olharliterario.hpg.ig.com.br>.

A Cartografia Lírico-social de Sentimento do Mundo. Revista USP. Sistema de Bibliotecas, Referências, artigos e periódicos. Curitiba, Universidade Estadual do Paraná (UFPR), 2000.

ZILBERMAN, Regina. Estética da Recepção e História da Literatura, São Paulo: Editora Ática, 1989.

Nome do arquivo: Carlos_Drummon_de_Andrade-
Um_olhar_sobre_a_poesia_social
Pasta: C:\DOCUME~1\USURIO~1\Desktop
Modelo: C:\Documents and Settings\Usuário\Dados de
aplicativos\Microsoft\Modelos\Normal.dot
Título: Os poetas modernistas da década não foram tão
combativos como os da década de 22
Assunto:
Autor: Clair Lima Vasconcelos
Palavras-chave:
Comentários:
Data de criação: 19/12/2008 09:54:00
Número de alterações:10
Última gravação: 19/12/2008 11:39:00
Salvo por: Usuário
Tempo total de edição: 101 Minutos
Última impressão: 19/12/2008 11:39:00
Como a última impressão
Número de páginas: 17
Número de palavras: 5.046 (aprox.)
Número de caracteres: 27.253 (aprox.)